

DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS: NARRATIVAS DA MULHER NEGRA NO BATUQUE DE UMBIGADA PAULISTA

Orientador: Dennis de Oliveira

Universidade de São Paulo

Escola de Artes Ciências e Humanidades

Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação
Política

São Paulo, 2017

TÂMARA PACHECO

0. PROBLEMATIZAÇÃO

O lugar da mulher negra na experiência com a tradição do batuque

Tempos midiáticos. Sociedade de consumo. Visão folclórica da batuqueira. Imagens controladoras. Ser negra na cultura popular. Feiticeira no batuque.

Primeira parte

Discurso científico da modernidade e pós modernidade.

Segunda parte

Pensamento feminista negro.



01. CULTURA E POLÍTICA

- **Cultura (EAGLETON, 2000)**

- Sociedade ocidental - Grandes Narrativas (progresso, iluminismo, razão, ciência...)
> subjetividades

- Colere (raiz latina): cultivar (Antiguidade)
Capital (linguagem jurídica): Modernidade

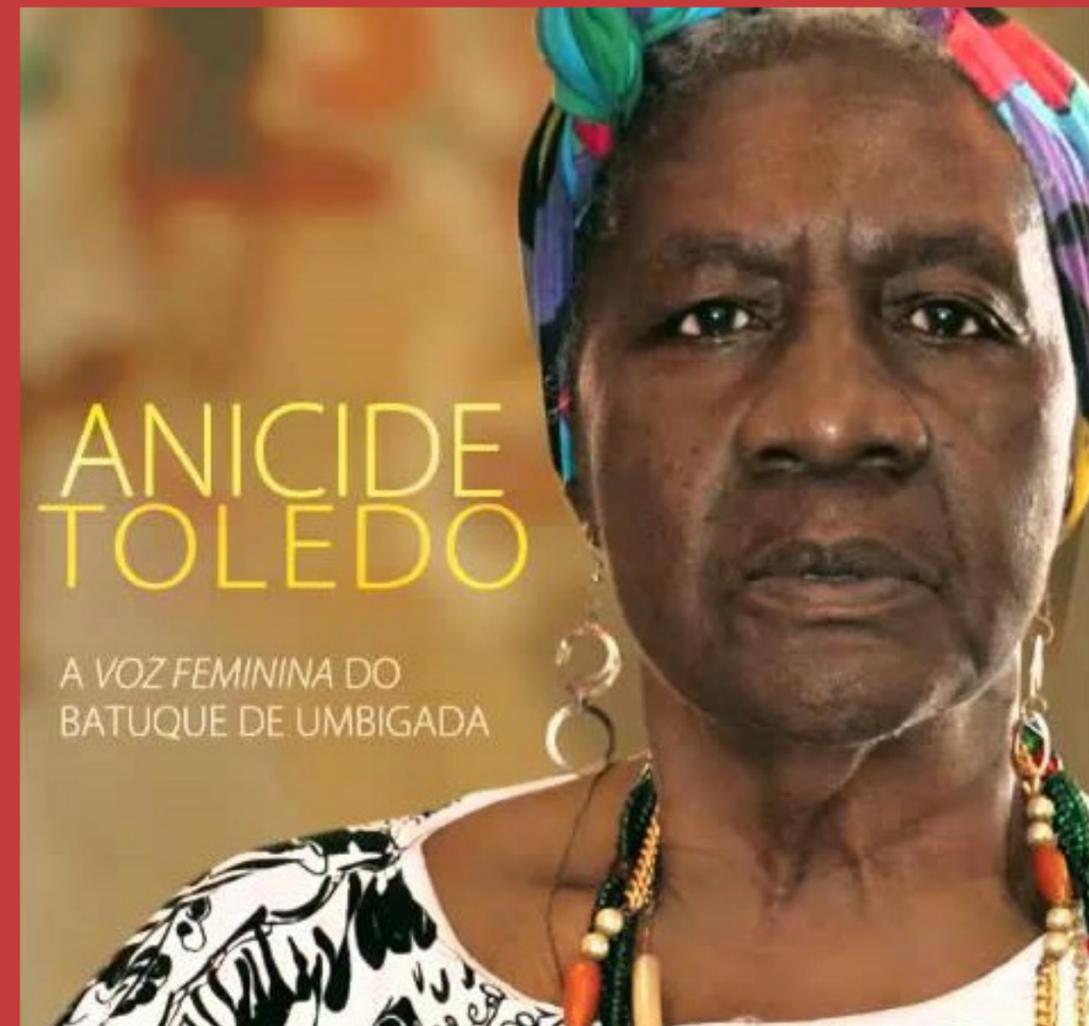
- **Materialismo cultural (WILLIAMS apud AZEVEDO, 2014)**

- Estado burguês - abole o político (Propõe hegemonia pelas classes subalternizadas)
- Nacionalismo e colonialismo – anula a luta de classes e forja uma tradição.
- Ciência (sec. XIX) e indústria cultural (sec. XX) > Instituições reguladoras
- Meios de comunicação e relações de produção > **mass mídia**
- Civilização (crise): status de alienada, abstrata, fragmentada, mecânica, utilitária.

01. CULTURA E POLÍTICA

MATERIALISMO CULTURAL

“Regatar ou apagar, conservar ou ressignificar o passado são movimentos ideológicos realizados como parte do jogo político.” (2014, p. 128)



Reprodução

Capa CD: Anecide Toledo - A voz do batuque de umbigada

"grande tradição"

Propriedade privada

Destrói os valores do povo.

"tradição seletiva"

Modernas formas de dominação

Instituições do Estado: produção e reprodução de valores sociais.

Colonialismo - Principais rotas do tráfico transatlântico



Modo de produção escravista

Dominação europeia
(séc. XVI, XVII, XVIII e XIX)

Ciclos econômicos
cana, ouro e café

Bantos / Sudaneses

Modo de produção capitalista séc. XIX herança colonial - ciência, nacionalismo
séc. XX e XXI disputas simbólicas

01. CULTURA E POLÍTICA

CULTURAS POPULARES E REPRODUÇÃO SOCIAL NA AMÉRICA LATINA

[subdesenvolvida]

Mito Brasil fundante "Classe social dos escravos" (CHAUI, 2000)
imobilidade social

"Cultura negra de massa" (HALL, 2006)

Modernidade = pós modernidade
primitivismo > proliferação do olhar

"Movimientos sociales y las lutas políticas" (CANCLINI, 1988)

"Política dos pobres" - Outra globalização (SANTOS, 2001)

Relações sociais e reproduções sociais

(GONZALEZ, 1979)

MUCAMA

Corpo para o senhor.

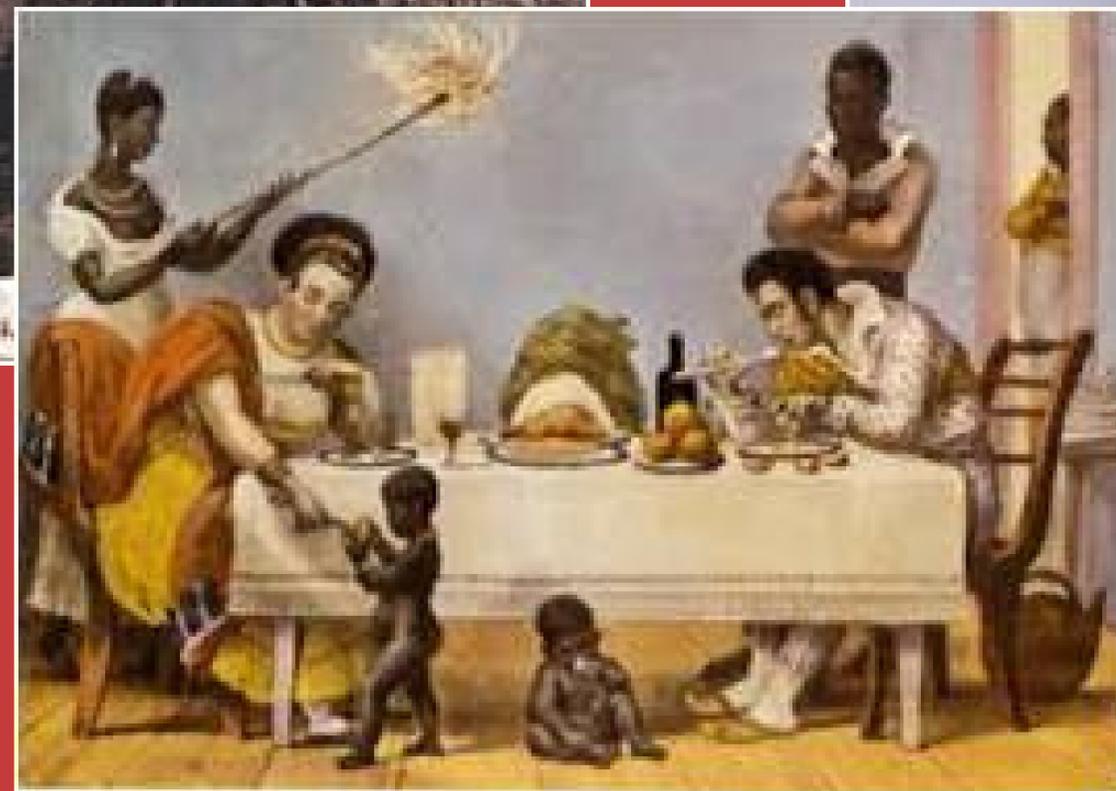
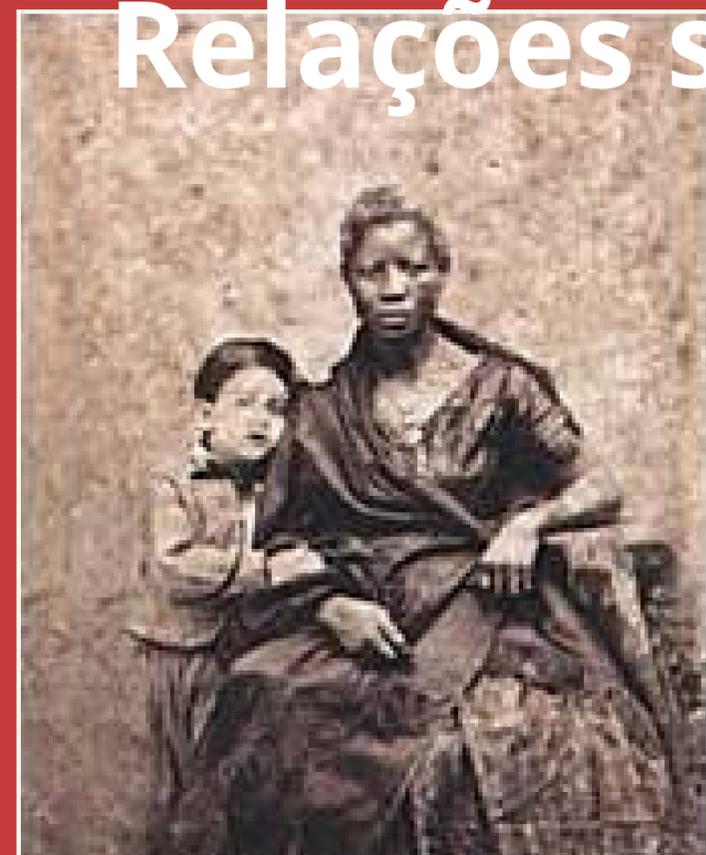
MULATA

Corpo para o lazer.

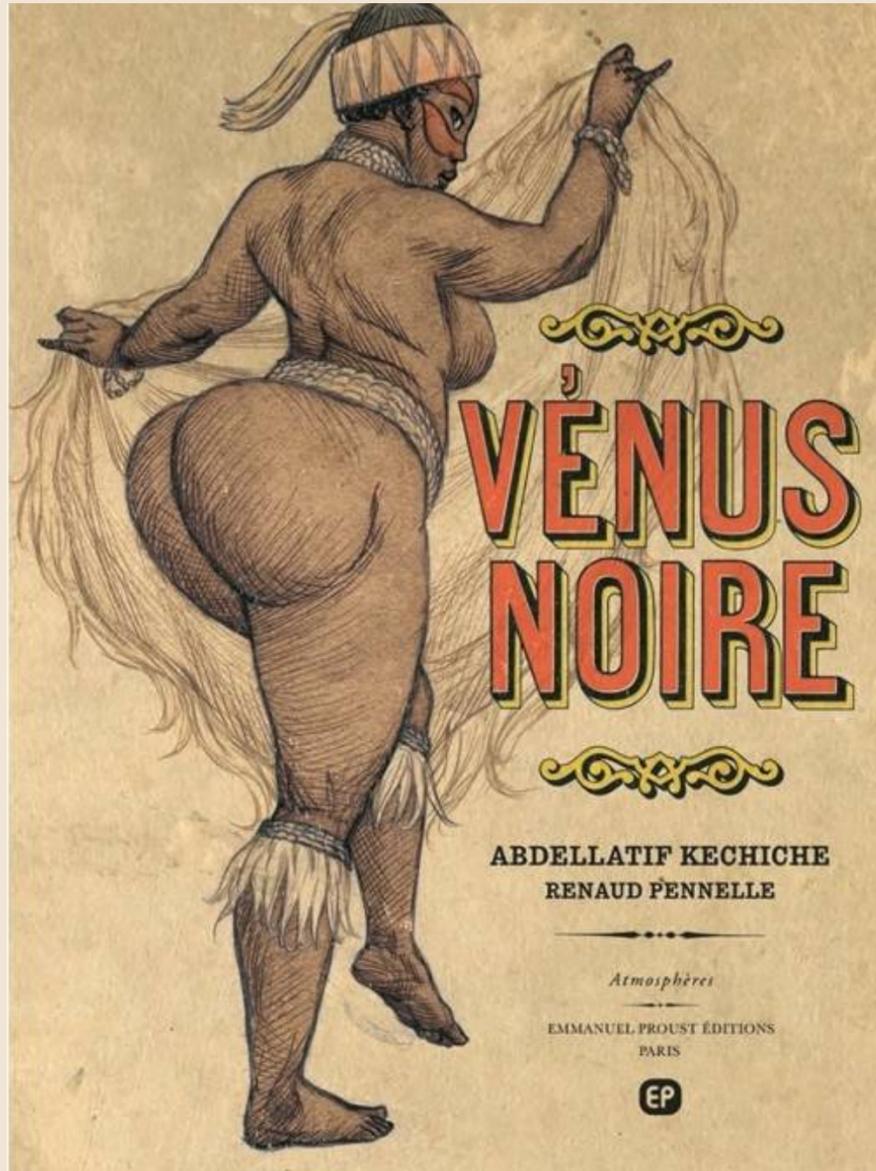
**Mov negro
de massa**
"Perdir
passagem"

DOMÉSTICA

Corpo para o trabalho.



02. PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO



Sarah Baartman

Vénus Hotentote Sec. XIX

COLLINS, 1999

"Imagem-controle"
"mammy"

Autodefinição,
"outsider"

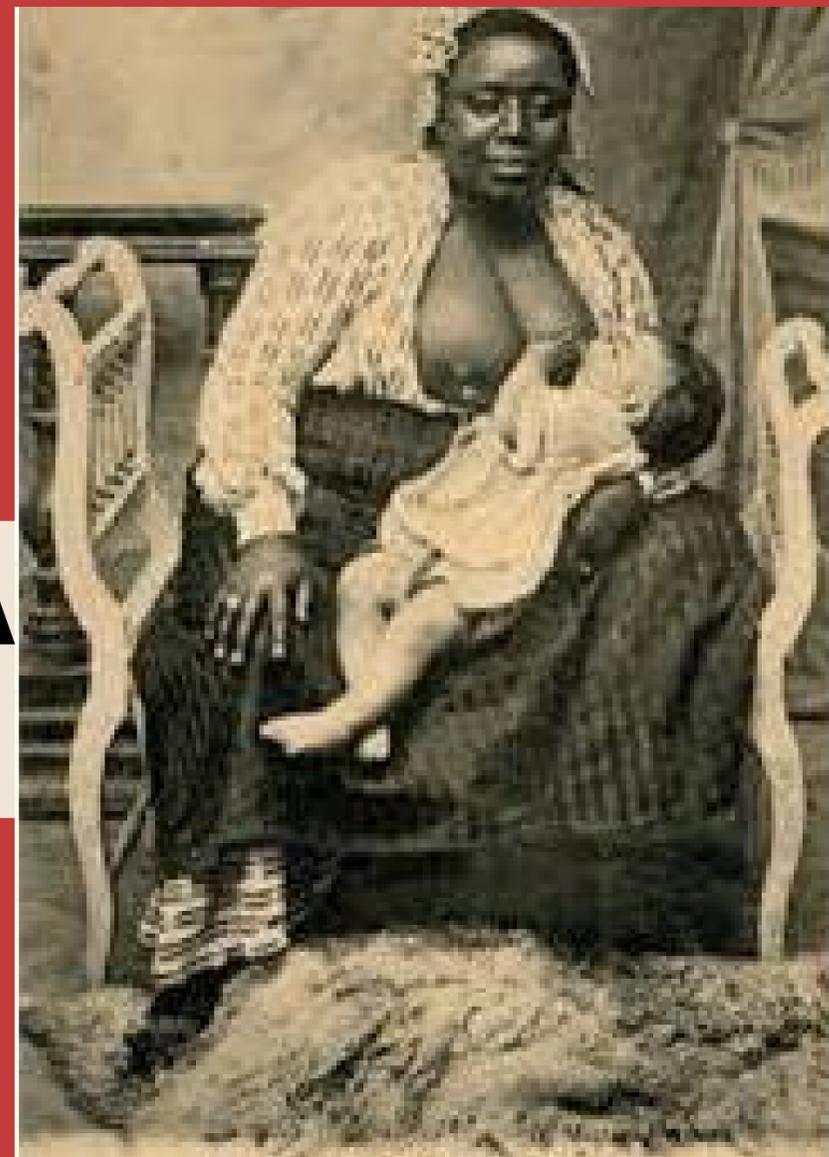


gospel, blues, jazz, rhythm
and blues, hip-hop...

Papel político (GONZALEZ, 1979)

- Matrifocalidade /ancestralidade
- Comerciantes
- Sustentavam a casa grande
- Administra conflitos
- Chefes de família
- Base da economia brasileira
- Criam os filhos do patrão
- Ensinam o pretoguês
- Subversão da ordem
- Família extensiva

MUCAMA
mãe preta



Subrepresentatividade
Subclasse
Trabalho informal
Mão de obra de reserva



03. TRABALHO DE CAMPO

História oral: testemunhos históricos, coletividade do indivíduo.

História de vida: Estruturação das entrevistas (BONI & QUARESMA, 2005)

Memória subterrânea: grupos subrepresentados. VON SIMSON, Olga Rodrigues)

Estudo empírico: Com três lideranças femininas negras, mais velhas e chefes de família.

Categorias de análise: 1) Batuque 2) Mulher negra e 3) Racismo

Dona Odete Martins Teixeira (Piracicaba-SP)



Mama África

Tigresa

Baronesa

“Batuque é dos tempos das baronessas.”

“Eu me defino como mulher negra, uma mulher realizada com tudo o que eu fiz e com tudo que eu faço. Estou muito de bem com a vida, desde quando eu nasci, muuito feliz. Trabalhei... pra todos meus patrões. Todos eles pra mim foram ótimos patrões! Comecei com a família Curi. Comecei com a família da Itália. Comecei com uma família da Alemanha e deixei a minha história com todos esses fazendeiros, sitiantes e chacreiros. Todos me respeitaram. Todos me ajudaram. Tão todos falecidos. Todos mortos! Mas as almas benditas deles estão me protegendo aqui em vida enquanto eu viver. [...] Essa é a minha história, da Mãe África! Odete Martins Teixeira.” **Dona Odete [mulher negra]**

Dona Marta Joana (Capivari-SP)



reprodução: Facebook/quintal da dona marta

"Ter um apoio das prefeituras, de prefeitos, do Estado. Até mesmo da Federal que eu acho que não é só de uma parte desse Brasil. Porque na hora das eleições, eles não escolhem a cor. Aí essa hora nós servimos. Por que não fazer um pouco por nós aqui do interior? Nós do interior estamos sofrendo muito essas dificuldades. Nós sofre na pele. Como Capivari, se você andar por Capivari você vai ver. Não tem uma casa de hip hop. Não tem uma casa de pagode. Não tem um clube. Que o pouco que tinha, vai. Não tem uma casa do batuque".

Dona Marta Joana [racismo estrutural]

"A mulher... Olha, os homens olham para a mulher só com esse olhar. Nós não. Nós somos seres humanos com cabeça pra pensar, com mente. Temos propósitos na vida. Temos é argumento. E ninguém vê isso na mulher. Ninguém tá vendo isso na mulher. Ninguém tá vendo isso no jovem. Então isso daqui é a minha reclamação". **Dona Marta Joana [mulher negra]**

Dona Anecide Toledo (Capivari-SP)



Primeira
dama do batuque

Voz do batuque

Rainha do batuque

Reprodução: <https://rollingstone.uol> (05/10/2016)

"Eles cantavam a moda deles. Eu dava a resposta minha. Que agora nem tem mais. Um cantava ponto para outro. Quando você percebia que era pra ocê, dava a resposta. Cabou isso ai. Não era batuque, era moda. Um cismava que tava cantando ponto pra outro, vinha outro escuitava e já dava a resposta. Quando se tava cantando ponto pra outro, aí já vinha outro estreitá e dava a resposta (...) Dos tempo que dançava na terra era uma coisa linda. Pergunta pa Paulo Dias. Se você pegasse aqueles tempos. Não era luxo. Com pé no chão. Aqui na frente da minha casa. Quando era aniversário da minha mãe se fazia. Era terra. Quando era o tempo da Santa Cruz, fazia na frente da igreja (Tietê). Quando é festa de São João na frente da igreja".

Toledo [Batuque]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Restrita participação política (opressões e exclusões).
- Controle e vigilância (instituições do Estado).
- Construção de identidades > subjetividades > imaginários particulares.
- Conflitos, contradições e histórias diferentes.
- Batuque – território comum, resistência, outros sentidos, força feminina, acolhimento, mulherismo.
- Potência: discurso revolucionário de valorização à vida > humanismo – diversidade e inclusão social.

OBRIGADA!

tamarapacheco@usp.br